

*A religiosidade e a culpa:  
o episódio de Aisha e  
Safwan em A joia de  
Medina, de Sherry Jones*

**Priscilla Cláudia Pavan de Freitas**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

*E-mail:* aisha-1982@hotmail.com

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como a culpa e a religiosidade se constroem nos capítulos 15, 16 e no prólogo do livro denominado *A joia de Medina* da escritora Sherry Jones (2009) a partir do envolvimento de Aisha, uma das esposas de Maomé, com Safwan, seu amor de infância. Pretende-se, a partir disso, trazer à tona uma nova construção dessa personagem histórica, um pouco mais viva, mais corajosa e dona de seu próprio destino. Para alcançar os objetivos, foram utilizados os estudos de Jung (2000) sobre os arquétipos coletivos, sobretudo o arquétipo materno. Utilizaram-se também, neste trabalho, algumas reflexões de Maingueneau (2012) sobre o discurso literário como discurso constituinte, uma vez que se considera que esse tipo de discurso possa ser uma fonte influenciadora de opinião e um importante espaço que permite desenvolver reflexões sobre as mulheres muçulmanas.

## PALAVRAS-CHAVE

Aisha. Religiosidade. Discurso literário.

## INTRODUÇÃO

Aisha bint Abu Bakr, filha de Abu Bakr Al Siddik, um dos melhores amigos de Muhammad (Maomé, em português), é a terceira e a mais jovem esposa do profeta do islã. A história dessa personagem é polêmica, tanto na ficção quanto na realidade, visto que os contextos histórico, cultural e religioso nos quais estava inserida eram permeados por intrigas, disputas e eventos que elucidavam a desigualdade de gênero. Apesar disso, Aisha foi uma mulher de destaque, guerreira, comandante militar, companheira querida do profeta, defensora dos direitos das mulheres e protetora das outras esposas (mães dos fiéis).<sup>1</sup>

1 A poligamia era um costume na Arábia, e essa prática permitiu ao profeta Maomé estabelecer laços de parentesco com as famílias de suas esposas e, assim, transmitir os ensinamentos do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, de uma maneira pacífica. A expressão “mãe(s) dos fiéis” é atribuída a todas as esposas do profeta, em especial à Aisha.

Aisha nasceu no século VII, em Hijaz, região localizada no oeste da Arábia (atual Arábia Saudita) e que foi berço da Umma (comunidade islâmica). Quando nasceu, o momento não era propício para as mulheres, e, apesar disso, ela teve um casamento construtivo, o qual contribuiu para levar adiante a missão profética de seu marido. Aisha foi “uma das maiores autoridades da Tradição, excelente comentadora do Alcorão e a mais distinguida e conhecedora das leis islâmicas” (GÜLEN, 2010, p. 221). Além disso, teria se tornado, segundo alguns relatos, a esposa favorita do profeta: “uma beldade ruiva com uma inteligência viva e sagaz, sendo também uma conselheira política influente” (JONES, 2009, p. 8). A jovem teve um papel diferenciado no islã – foi a última pessoa a ver o profeta com vida e a ouvir as últimas palavras dele: “Ó Deus, com a suprema comunhão”.<sup>2</sup> Aisha tornou-se uma das principais referências teológicas após a morte do profeta.

Cada esposa do profeta foi uma grande colaboradora do islã, pois elas transmitiram as mensagens recebidas às suas tribos e as interpretaram. Sendo assim, “todos os membros dos clãs aprenderam sobre o Alcorão, o *hadice*, *tafsir* (interpretação e comentário do Alcorão), e *fiquih* (jurisprudência islâmica)” (GÜLEN, 2010, p. 219).

Aisha é uma figura muito significativa para a religião islâmica, já que, após a morte do profeta, apesar de sua pouca idade (19 anos), contribuiu para a consolidação da religião e participou ativamente da política interna com os primeiros sucessores de seu marido. Após a morte do marido, ela ainda foi responsável por transmitir mais de dois mil *hadiths/hadice* (falas, ditos e comportamento do profeta) para muitos dos seguidores. Era, portanto, uma mulher religiosa na prática.

Apesar de sua fé inabalável no profeta e na religião, em algumas passagens do livro em questão, Aisha se culpa por ter traído (ou quase traído, como ela afirma em alguns momentos) o profeta com seu amor de infância, Safwan. Na história real, há indícios de que Aisha tenha traído Maomé, porém nada é comprovado, pois a história de sua vida com o profeta fora transmitida apenas oralmente; logo, as informações a respeito dela ainda carecem de detalhes e fontes. Na ficção, entretanto, há uma riqueza de descrições e detalhes de como o envolvimento entre os dois amantes aconteceu. E nesse contexto ficcional, nos capítulos 15 e 16, denominados “Uma flor não colhida” e “Rainha do harém”, respectivamente, e, também, em trechos do prólogo, Aisha manifesta a sua religiosidade e a culpa pelo seu desvio de conduta.

Na visão da psicanálise de Jung (2000), a culpa tem relação com o inconsciente coletivo, visto que a constituição do indivíduo e de seus valores surge da sua relação com o outro, sobretudo daquilo que é herdado do outro, ou seja, dos

---

2 Relato de Ibn Sa'd II/2, 27 (cf. LINGS, 2010, p. 474).

seus ancestrais. Para Jung (2000), o inconsciente coletivo é um reservatório de imagens herdadas, e, por conta disso, o sujeito desenvolve uma predisposição para agir e reagir de determinada forma no mundo. Aisha, a protagonista da história, nasce em uma região com um vasto deserto, onde as mulheres se mantinham cobertas para que pudessem se proteger de tempestades de areias e dos olhares masculinos. Ela nasceu quando se professava uma nova religião, a qual retomaria conceitos judaico-cristãos, acrescentando novos valores morais à sociedade. Quando Aisha nasceu, as mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens. Ela herdou, portanto, a desigualdade de gênero, o preconceito, a ideia de culpa, mas também o temor e a fé em Deus, tanto da parte de sua família quanto de seus antepassados do povo do deserto. E essa herança de valores foi conduzindo a sua vida e formatando o seu caráter até o dia de sua morte.

Tendo em vista a relação entre a religiosidade e a culpa, ambas herdadas e manifestadas por Aisha, este trabalho tem como objetivos identificar esses valores e analisar como eles se constroem nos capítulos 15, 16 e no prólogo do livro denominado *A joia de Medina*, da escritora Sherry Jones (2009), uma obra ficcional, inspirada na vida de Aisha. O recorte escolhido traz o episódio do envolvimento de Aisha com Safwan, um amigo e amor de infância, pelo qual nutria grande apreço. Pretende-se, a partir disso, trazer à tona uma nova construção dessa personagem histórica, um pouco mais viva, mais corajosa e dona de seu próprio destino. Aisha, na obra de Sherry Jones (2009), é a representação de uma mulher que superou vários obstáculos culturais e pessoais para deixar a sua marca no mundo. Neste trabalho, pretende-se evidenciar que essa Aisha é uma heroína, idealista, religiosa e sobrevivente em uma sociedade que herdou muitas regras e poucas liberdades para as mulheres.

Para alcançar os objetivos, foram utilizados os estudos de Jung (2000) sobre os arquétipos coletivos, sobretudo o arquétipo materno. A escolha por Jung (2000) se dá porque o ramo da psicologia médica que ele representa tem relação com a religião, sobretudo no que se refere ao simbolismo religioso dos processos inconscientes de um grupo. Utilizaram-se também, neste trabalho, algumas reflexões de Maingueneau (2012) sobre o discurso literário como discurso constituinte, uma vez que se considera que esse tipo de discurso possa ser uma fonte influenciadora de opinião e um importante espaço que permite desenvolver reflexões sobre as mulheres muçulmanas, no caso, sobre uma das mais conhecidas delas, Aisha bint Abu Bakr.

## A POLÊMICA DO LIVRO, A POLÊMICA AISHA

A autora norte-americana Sherry Jones é jornalista desde 1979, escreveu inúmeros artigos para a revista *Newsweek* e iniciou a sua carreira como roman-

cista com o livro *A joia de Medina*. Jones não havia visitado o Oriente Médio até a publicação de seu livro, porém, como jornalista, passou anos estudando sobre a história islâmica, sobre Aisha e o povo árabe, tanto que, no final de sua obra, há várias referências bibliográficas consultadas e, algumas delas, até aceitas na comunidade islâmica atual, como *Muhammad: man and Prophet*, de Adil Salahi, e *The life of the Prophet Mohammad*, do estudioso Ibn Kathir (1313-1384). Apesar da consulta a essas fontes, isso não a eximiu de receber inúmeras críticas, antes da publicação de seu livro, de especialistas em história islâmica, como a professora Denise Spellberg, da Universidade do Texas, a qual chegou a afirmar que o livro continha conteúdo “feio” e “pornográfico”.<sup>3</sup>

Há, de fato, algumas passagens no livro em que a sensualidade impera, como quando Aisha tenta seduzir Maomé no auge de sua adolescência ou quando reencontra o seu amor de infância, Safwan, mas isso parece muito mais um recurso utilizado pela autora para construir uma imagem empoderada de Aisha do que para categorizá-la como luxuriosa ou como *Al-zaniya* (adúltera), termo utilizado pela comunidade muçulmana, na obra, após o escândalo da traição.

No fragmento a seguir, é possível notar que a protagonista se refere a Safwan como um jovem sedutor e desejado (aquele que ela idealizava quando era criança), mas, logo em seguida, em outros excertos, a protagonista revela que aquele belo jovem se transformou em um homem impulsivo e hostil, ou seja, alguém bem diferente daquele arquitetado em sua imaginação.

Seus lábios eram tão doces e seu hálito muito quente. Deixei meus olhos se fecharem de novo quando retribuí seu beijo, tão casto quanto o de uma criança. Seus olhos se arregalaram, e ele rosnou antes de atacar minha garganta com beijos úmidos e lascivos. Tremores percorreram meu corpo, abafando o grito em minha garganta. Por Alá, eu não estava preparada para isso! Ele estava se mexendo rápido demais. Pensei em Maomé, em seu beijo delicado no primeiro dia (JONES, 2009, p. 223).

[...]

Tentei afastá-lo, mas ele era pesado demais. Ele grunhiu quando apertou sua boca contra a minha e puxou minha túnica. [...] Chutei e me contorci, tentando escapar, desejando ter minha espada comigo (p. 225).

Safwan, que fora amigo de Aisha quando eram crianças, e pelo qual ela tinha nutrido um sentimento de carinho e desejo, antes mesmo de se casar com o

3 Informação consultada no site da BBC Brasil, publicada em 2008, um ano antes da publicação do livro. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/printable/080810\\_livro\\_maome\\_dg](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/printable/080810_livro_maome_dg). Acesso em: 20 abr. 2022.

profeta, agora parecia um ser animalesco que “rosnava” e “grunhia” e era impetuoso. No momento em que Aisha percebe que aquele homem que venerava não era melhor que seu marido, Maomé, nem era o mesmo que conhecera na infância, arrependeu-se de ter se ludibriado por seus encantos. Nas passagens seguintes, Aisha se manifesta arrependida e temerosa com o castigo de Deus (Alá):

O enjoo me jogou no chão, e o sol me manteve ali, pisando-me com seu calor. Safwan me carregou para a relva e armou sua tenda à sombra. Dentro dela, me deitei em sua pele de carneiro e me enrosquei como um bebê no útero, gemendo de dor, mas não me atrevendo a expressar o pensamento que torturava a nós dois: o castigo de Alá já tinha começado. Tinha me esquecido do pacto com Ele (Alá), minha promessa de defender a *umma* de nossos inimigos. Em vez disso, eu tinha pensado somente em meus próprios desejos (JONES, 2009, p. 229).

Aisha se culpa por ter quase se entregado definitivamente a Safwan, o que só é rompido quando ela percebe a agressividade do rapaz. Antes de se jogar aos braços dele, Aisha havia tentado inúmeras vezes ter alguma relação mais próxima com o profeta, mas este, imerso em suas ocupações como líder religioso e, também, cauteloso para lidar com a jovem, recuava de suas investidas. Isso contribuiu para que Aisha se sentisse mais atraída por Safwan.

Aisha era muito jovem para entender o amor. Ela tinha, na ocasião, por volta de 14 anos, era virgem e alimentava muitos sonhos em sua mente. Foi prometida ao profeta com apenas 6 anos e com 9 estava casada com ele, e, mesmo não havendo relações íntimas entre o casal, a menina não deixava de imaginar como seria quando chegasse o momento. O próprio título do capítulo 15 sugere a inexperiência e pureza de Aisha, “Uma flor não colhida”, em uma menção à sua virgindade que não fora tirada nem pelo profeta, nem por Safwan, até aquele momento.

Como o adultério, na época, era punido com a morte, Safwan e Aisha negaram o envolvimento quando foram indagados pelos companheiros do profeta e pelo próprio profeta. Aisha respondia às perguntas com respostas vagas por medo da punição, mas, ao mesmo tempo, alimentava a esperança de que Maomé lhe perdoaria quando se unissem no Paraíso: “pelo menos morreria sabendo que tinha sido leal a Maomé. Quando ele se unisse a mim no Paraíso, saberia a verdade” (JONES, 2009, p. 230).

A culpa é um conceito judaico-cristão e que se estende até a religião islâmica, e está associada à noção de “pecado”. A noção de pecado está relacionada à violação de um preceito religioso ou, mais especificamente, de uma ordem divina. Essa ordem divina está atrelada a uma revelação que exige uma tomada de

posição de seus adeptos: ou se aceita e se cumpre o que é revelado, ou se rejeita como ideia falsa. Para quem opta pela aceitação, no caso o crente, o pecado é um ato que deve ser evitado, mas, se ocorrer, é possível arrepender-se e buscar o perdão divino.

O pecado aparece em vários versículos alcorânicos<sup>4</sup> da tradução de Samir El Hayek (ALCORÃO SAGRADO COM COMENTÁRIOS, 2016) e como “delito” na tradução de Helmi Nasr (ALCORÃO SAGRADO, s. d.). Seja como for a tradução, a ideia de pecado encontra-se na religião islâmica, conforme comprovam as suras a seguir:

Terão a mesma sorte do povo do Faraó e dos seus antecessores, que desmentiram os Nossos versículos; porém, Allah os castigou por seus *pecados*, porque Allah é Severíssimo na punição (ALCORÃO SAGRADO COM COMENTÁRIOS, 2016, 3:11, grifo nosso). [...] Que dizem: Ó Senhor nosso, cremos! Perdoa os nossos *pecados* e preserva-nos do tormento infernal (3:16, grifo nosso).

Nos fragmentos a seguir, enfatiza-se que Deus é perdoador dos pecados humanos, se houver arrependimento.

Que fazem caridade, tanto na prosperidade, como na adversidade; que reprimem a cólera; que perdoam o próximo. Sabei que Allah aprecia os benfeitores, Que, quando cometem uma obscenidade ou se condenam, mencionam a Allah e imploram o perdão por seus pecados – mas quem, senão Allah perdoa os pecados? – e não persistem, com conhecimento, no que cometeram. Para estes a recompensa será uma indulgência do seu Senhor, terão jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morarão eternamente (ALCORÃO SAGRADO COM COMENTÁRIOS, 2016, 3:134-136).

Apesar de seu aparente desespero inicial, que fica explícito em fragmentos como “Perdoe-me, rezei. E, *por favor*, faça Maomé me perdoar” (JONES, 2009, p. 229, grifo nosso) e “Fechei os olhos, evitando o meu reflexo nos olhares espantados de *umma*, a minha comunidade. Lambi meus lábios rachados, sentindo o gosto de sal e *de minha desgraça*” (JONES, 2009, p. 11), Aisha ainda alimenta uma esperança de que conseguirá restaurar a ordem de sua vida.

4 Alcorão é o livro sagrado dos muçulmanos, composto por 114 capítulos denominados *suratas*, *suratus* ou *suras*. O conteúdo presente no livro foi revelado por Deus (Allah ou Alá, em português) por meio de seu anjo mensageiro, Gabriel (Jibril). A disposição dos capítulos não segue a ordem cronológica das revelações, contudo é importante frisar que seu conteúdo começa a ser compilado durante a vida do profeta Maomé.

Meu primeiro passo seria me limpar das acusações. Como? Pela primeira vez, minha mente me faltou e recorri a Alá. Ajoelhei-me e rezei por horas, pedindo o Seu perdão por meu ato impulsivo, pedindo-Lhe que me mostrasse o caminho para reconquistar a confiança do meu marido. Finalmente, exausta, adormeci no chão do meu quarto, e Deus enviou sua resposta na forma de um sonho (JONES, 2009, p. 235-236).

Após o sonho de Aisha com a revelação do que ela deveria fazer para conseguir o seu marido de volta, Maomé vai até a casa dos pais da esposa e lá conversa com ela para esclarecer a situação e ouvir a sua versão. Aisha ouve de Maomé que ele tem rezado muito a Deus, mas que Ele tem Lhe virado as costas, pois não sabe qual atitude tomar quanto a Aisha. Ela se sente culpada por não contar toda a verdade ao marido, mas, ao mesmo tempo, consente que não o traiu de fato.

A culpa me tomou, mas me aferrei ao que sabia. Ao esperar Safwan no oásis Wadi al-Hamd, eu cometera um erro terrível. Mas não tinha traído meu marido. E com Safwan no deserto eu tinha percebido o quanto amava Maomé (JONES, 2009, p. 238).

A traição para ela, a partir desse momento, estava vinculada à consumação do ato sexual, porém, como este não ocorreu, não interpretou mais como uma traição, mas como uma “quase” traição ou um erro.

A culpa que Aisha sente não é fruto apenas da sua religiosidade, mas também da pressão social de sua comunidade, visto que muitos a criticavam, entre eles as mulheres e os companheiros do profeta, como comprovam estes trechos: “Retornei a Medina no dia seguinte no cavalo de Safwan com a acusação da *umma* (comunidade) golpeando a minha cabeça dolorida” (JONES, 2009, p. 230), “Umar apareceu, vociferou, com feição de desagrado. Era conselheiro e amigo de Maomé” (p.12) e “Veja como ela envergonha o santo Profeta de Alá” (p. 14).

Aisha desenvolve, a partir dessa recepção hostil, um misto de sentimentos entre a culpa e a esperança do perdão, porque, apesar de ser apenas uma jovem com pouca experiência de vida, ela era a esposa de um profeta de Deus, filha de um dos melhores amigos de Maomé, muçulmana desde o nascimento e a prometida mãe dos fiéis. Ela sofria, portanto, uma repressão moral, porque a comunidade projetou nela o *imago* de esposa, mãe e muçulmana perfeita quando, na verdade, era apenas humana. O termo *imago*, introduzido por Jung, em meados de 1912, foi adotado na psicanálise e utilizado no lugar da palavra “imagem”. Trata-se da construção de modelos conscientes e inconscientes que orientam a forma como um sujeito se identifica e como ele absorve as características das pessoas com quem convive.

Aisha, como foi prometida ao profeta Maomé, desde muito jovem, a partir de uma revelação divina dada a ele, foi erigida na comunidade islâmica do Hijaz, com uma *imago* materna, isto é, como a mãe dos fiéis, aquela que conduz uma nação na companhia do pai dos fiéis (no caso, Maomé). Fazendo uma associação de Aisha com Maria, mãe de Jesus, ambas eram figuras femininas que estavam lado a lado de entidades proféticas (Jesus e Maomé) e que, por isso, deveriam manter o caráter e a postura imaculados.

Maria é até hoje cultuada pelos cristãos como uma mulher santa, um exemplo de castidade e de devoção. No islã, Maria também é interpretada como uma mulher casta e respeitada, e, no Alcorão, ela é descrita como a melhor mulher de toda a humanidade, e há um capítulo no livro sagrado dedicado a ela (Surata Maryam). Em outro capítulo, ainda, ela é mencionada: “Ó, Maria! Por certo, Allah te escolheu e te purificou, e te escolheu sobre as mulheres dos mundos” (ALCORÃO, 3:42), tamanha era a sua importância para os muçulmanos. Logo, a referência de mulher religiosa que o povo de Hijaz tinha era a Maria, mãe de Jesus, e associá-la, portanto, à Aisha e às outras esposas do profeta era uma reação comum àquela nação, era um arquétipo de um inconsciente coletivo. A Aisha da ficção, entretanto, sabia de suas limitações e chegou até mesmo a dizer a si mesma, após ser indagada por sua mãe sobre o porquê de ainda não ter dado um filho a Maomé: “Mas, por Alá, eu não era a Virgem Maria!” (JONES, 2009, p. 234).

Para Jung (2000), o conceito de Grande Mãe (ou deusa-mãe, ou, aqui nesse caso, mãe dos fiéis) provém da história das religiões e é, como tal, um símbolo derivado do arquétipo materno. Esse arquétipo, para ele, também possui uma variedade incalculável de aspectos. Entre eles:

[...] a própria mãe e a avó; a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos, bem como a ama de leite ou ama-seca, a antepassada e a mulher branca; no sentido da transferência mais elevada, a deusa, especialmente a mãe de Deus, a Virgem [...] (JUNG, 2000, p. 91-92).

Esses símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto, mas, sem dúvida, todos estão conectados à autoridade do feminino, da mãe. A única pessoa que não enxerga Aisha dessa forma é Maomé, pois, para ele, Aisha é sua esposa querida e amada, logo ele não a julga nem critica, mas pede a Deus que lhe envie uma resposta sobre o que fazer. Com essa atitude, ele demonstra ser um homem sábio, que não se deixava levar pelas opiniões dos outros e que, ainda, respeitava a condição humana e talvez falha de sua mulher. Enquanto os companheiros proferiam que Maomé estava enfeitiçado por Aisha, o profeta apenas aguardava a resposta de Deus. E, finalmente, quando ela saiu,

Maomé gritou a *umma*: “Yaa, Aisha, Alá finalmente me enviou uma revelação. Você é inocente de qualquer má ação!” (JONES, 2009, p. 246).

Aisha estava inserida em um contexto cercado de pessoas com ideias religiosas, e, sendo assim, tudo o que ferisse esses preceitos seria duramente recriminado. Sobre essa atitude, Jung asseverou:

Ideias religiosas são, como prova a história, de uma força sugestiva e emocional extremas [...] na medida em que temos algum conhecimento acerca do homem, sabemos que ele sempre está sob a influência de ideias dominantes (JUNG, 2000, p. 74).

Essa força dominante exercida e reforçada pelos discursos recriminatórios dos muçulmanos daquela comunidade fez com que Aisha ficasse cada vez mais apreensiva. Aisha sente, de maneira mais evidente, a culpa no momento em que há um despertar da sua consciência, quando percebe que a sua religiosidade deveria ficar mais evidente do que o seu desejo pelo amante. Logo, um sentimento de inferioridade se apodera da personagem naquele momento, e ela só consegue pensar no castigo que receberá de Deus por seu ato impulsivo e em como conseguirá o perdão de Maomé. A jovem, na casa de seus pais, rezava para que fosse perdoada, conforme comprova o seguinte trecho: “rezava diariamente pela misericórdia de Alá, pedia que poupasse a minha vida e me devolvesse a Maomé” (JONES, 2009, p. 230).

Enquanto aguardava o seu nome ser limpo, Aisha se mantinha em isolamento na casa dos pais, como era costume na época e na região. O pai de Aisha mal olhava para ela, e a mãe tentava apaziguar o ato da filha para as outras pessoas. Eles não acreditavam na versão que ela contara após passar uma noite longe de seu marido e na companhia de Safwan, mas, como pais, acolheram, mesmo assim, a jovem. Ela mesma dizia: “meus próprios pais acham que sou uma adúltera” (JONES, 2009, p. 239). Apesar disso, ela aguardou que Maomé lhe perdoasse. Quando a revelação veio a Maomé, Aisha comemorou: “Que Alá seja louvado!” (JONES, 2009, p. 246). E, daquele momento em diante, tomou para si a responsabilidade de ser uma esposa mais dedicada, de se fortalecer na fé islâmica e de ser a principal colaboradora do profeta na divulgação da religião:

Mandei Barirah buscar minha túnica e puxei o cabelo para trás, sem me esquecer de meu voto de me tornar a esposa colaboradora de Maomé. Para conquistar o seu respeito, teria de comandar. E se quisesse que ele me tratasse como uma mulher, teria de agir como tal. [...] Alá tinha tornado tudo possível. O triunfo pertencia a Ele, assim como o meu agradecimento (JONES, 2009, p. 246-247).

Após o escândalo envolvendo o seu nome e após conquistar o seu perdão, Aisha deixa de ser uma mera jovem inexperiente e passa a se tornar uma figura mais forte e representativa dentro da comunidade islâmica. E, então, ela própria chega à conclusão de que nunca desejara, afinal, os beijos e braços amorosos de Safwan, mas, sim, almejava as “cavalgadas livres pelo deserto e, depois, [...] uma vida de igualdade com meu [seu] marido” (JONES, 2009, p. 245).

## O DISCURSO LITERÁRIO QUE AUTORIZA O DISCURSO DE AISHA

O discurso no livro de Sherry Jones (2009) não é religioso, apesar de fazer parte da construção da religião islâmica. Nessa obra, predomina o discurso literário que, como asseverou Maingueneau (2012, p. 60), é um discurso que “participa de um plano determinado da produção verbal, o dos discursos constituintes”, e, sendo assim, permite melhor apreender as relações que se fazem aqui entre literatura e religião. Os discursos constituintes propõem-se como discursos de Origem, “validados por uma cena da enunciação que autoriza a si mesma” (MAINGUENEAU, 2012, p. 60).

O discurso constituinte se autoriza a partir de si mesmo e articula uma maneira de inscrever-se num universo social. O livro de Jones (2009) traz uma heroína que narra a própria biografia; a narrativa está, portanto, em primeira pessoa e conta, ainda, com o fluxo de consciência dessa personagem, visto que ela se envolve em um complexo processo de pensamentos que variam desde a culpa, o arrependimento, o desejo, os ciúmes e o alívio até a consciência da sua superioridade em relação às outras mulheres do profeta. A personagem suplanta até mesmo a barreira temporal da trama, pois, ao mesmo tempo que narra o seu passado com Maomé e sua família há mais de 1.300 anos, ela também se mantém presente nos tempos atuais. No prólogo da obra, fica perceptível a utilização desse recurso:

Séculos depois, o escândalo ainda assombra o meu nome. Mas aqueles que zombaram de mim [...] Nunca souberam a verdade sobre mim, sobre Maomé, sobre como salvei a sua vida e ele salvou a minha. Sobre como salvei a vida de todos eles. Se soubessem, teriam me criticado tanto? [...] Onde estamos agora, toda verdade é conhecida. Mas ainda desconcerta o mundo de vocês. Onde vocês estão, vocês, do tempo de hoje, os homens continuam querendo esconder as mulheres. Eles as cobrem com mortalhas ou mentiras sobre serem inferiores (JONES, 2009, p. 20).

Ela trata a si mesma como uma salvadora (“como salvei a todos eles”), uma conhecedora do presente (“o escândalo ainda assombra”, “Onde estamos agora,

toda verdade é conhecida”) e do passado (“aqueles que zombaram de mim”). A protagonista rompe a quarta parede<sup>5</sup> de maneira proposital para atingir o seu público – as pessoas de hoje que ainda presenciam a desigualdade de gênero – e, assim, estabelece um diálogo direto com o espectador, permitindo que ele participe de sua história e dos desdobramentos decorrentes dela.

O prólogo do livro estabelece um contrato enunciativo que legitima tanto a narrativa que vem a seguir quanto quem a narra. A personagem Aisha, ao se colocar como conhecedora dos fatos passados e como uma personagem ainda presente na atualidade, confere à obra uma dimensão autobiográfica e, assim, aproxima o leitor do que é narrado. Aisha diz no prólogo: “antes que desapareça, transmitirei minha história para vocês. A minha verdade. A minha luta. E então, quem sabe o que acontecerá depois? Se Alá quiser, o meu nome reconquistará o seu significado” (JONES, 2009, p. 21). O discurso literário aqui como discurso constituinte permite a apresentação da fala da personagem como se ela fosse a própria autora da obra e, assim, legitima o seu discurso feminino e feminista dentro de uma sociedade (árabe) que pouco dava voz às mulheres antes do profeta Maomé. A história de Aisha, sempre vinculada ao profeta Maomé, é comumente narrada por homens, líderes e estudiosos da religião, que muitas vezes herdaram o pensamento patriarcal, todavia encontrar uma narrativa sobre ela, escrita por uma mulher e narrada por uma mulher, no caso a própria Aisha, torna a obra bem mais representativa para um possível público feminino.

Os discursos constituintes, segundo Maingueneau (2012), pretendem dizer algo sobre a sociedade ou mesmo sobre a verdade. De certa forma, na obra analisada, os discursos construídos dizem algumas coisas sobre as mulheres da Arábia no período de Maomé: que elas eram, na maioria das vezes, tratadas como inferiores aos homens, e dizem, ainda, informações importantes sobre Aisha, principalmente, que ela era um ser humano repleto de anseios, desejos, culpa e arrependimento, como qualquer outra pessoa, mesmo sendo esposa de um profeta. Mesmo diante de suas limitações humanas, conseguiu, após a morte do profeta, divulgar a religião islâmica e, ainda, assumiu uma posição de liderança, chegando a comandar um exército no dorso de um camelo na famigerada *Batalha do camelo*, ocorrida em meados de 656.

A narrativa sobre Aisha não se limita, apenas, a contar uma história, ela possibilita também a criação de uma cenografia em que se descrevem as características físicas das personagens árabes da época, o clima na região do Hijaz, os costumes (dos homens e das mulheres) e a cultura dos povos (culinária, crenças, construções e valores morais). E todos esses elementos, resultados de pesquisas

5 A expressão, emprestada do teatro, ganhou notoriedade no período naturalista-realista e refere-se ao recurso usado por um ator de deixar a sua *performance* no jogo cênico (ficção) para dirigir-se ao espectador (realidade). A quarta parede permite ao espectador desfrutar da ficção como se fosse um acontecimento real e próximo de si.

históricas da autora Sherry Jones, unidos à estratégia de contar a narrativa em primeira pessoa atemporal (porque não se limita ao tempo passado), conferem um caráter histórico, verossímil e até certo ponto biográfico à obra. O discurso literário como constituinte, nesta análise, recorre a uma fonte religiosa para construir o enunciado, isto é, ele engloba o discurso religioso e, por essa posição-limite no interdiscurso, legitima a si mesma como uma narrativa que, mais do que narrar uma ficção, permite a incursão no berço da religião islâmica e na vida de sua principal representante feminina.

Como o próprio prólogo da obra confirma, o significado do nome Aisha é “vida” ou “a que está viva”. Sendo assim, Aisha não foi nada mais nada menos que alguém que buscou na ficção e na vida se sentir feliz, viva e para isso precisou errar e se arrepender, mas sem nunca perder a sua fé em Alá.

### **Religiosity and guilt: the episode of Aisha and Safwan in A joia de Medina, by Sherry Jones**

#### **ABSTRACT**

*This work aims to analyze how guilt and religiosity are constructed in chapters 15, 16 and in the prologue of the book called A joia de Medina, by the writer Sherry Jones (2009), based on the involvement of Aisha, one of the wives of Mohammed, with Safwan, his childhood love. It is intended, from this, to reveal a new construction of this historical character, a little more alive, more courageous and master of her own destiny. To achieve the objectives, Jung's (2000) studies on collective archetypes were used, especially the Mother archetype. Some reflections by Maingueneau (2012) on literary discourse as a constituent discourse were also used in this work, since it is considered that this type of discourse can be a source that influences opinion and an important space that allows developing reflections on Muslim women.*

#### **KEYWORDS**

*Aisha. Religiosity. Literary discourse.*

#### **REFERÊNCIAS**

- ALCORÃO Sagrado. Tradução Dr. Helmi Nasr. Complexo do Rei Fahd para a impressão do Alcorão Nobre, [s. d.].
- ALCORÃO Sagrado com comentários. Tradução Samir El Hayek. 18. ed. São Paulo: Fambras, 2016.

GÜLEN, M. F. *Uma análise da vida do profeta Muhammad: o mensageiro de Allah*. Clifton: Tughra Books, 2010.

JONES, S. *A joia de Medina*. Tradução Ana Luiza Borges. Rio de Janeiro: Record, 2009.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

LINGS, M. *Muhammad: a vida do Profeta do Islam segundo as fontes mais antigas*. Tradução Cléris Nogueira, Luiz Pontual e Sergio Rizek. São Paulo: Attar, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Tradução Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

**Recebido em:** agosto de 2022 **Aprovado em:** setembro 2022